

HISTÓRIA DA CAPOEIRA

HISTORY OF CAPOEIRA

Adriana Raquel Ritter Fontoura*
Adriana Coutinho de Azevedo Guimarães**

RESUMO

A capoeira atualmente tem considerável relevância, tanto por seu valor cultural e histórico quanto por seu valor educacional. O objetivo deste estudo foi descrever a história da capoeira. O estudo foi bibliográfico, contando com publicações nacionais. A análise da literatura indicou que a maioria dos autores consideram que a capoeira foi trazida para o Brasil pelos negros com a finalidade de luta pela sobrevivência. A capoeira foi perseguida e marginalizada por muito tempo até ser aceita pela sociedade. Os mestres que se destacaram e contribuíram para o desenvolvimento da capoeira foram o Mestre Pastinha e o Mestre Bimba. Os estilos de capoeira mais difundidos são Capoeira Angola e Capoeira Regional. Os instrumentos utilizados na capoeira são berimbau, caxixi, pandeiro, reco-reco, atabaque e agogô.

Palavras-chave: Capoeira. História. Mestres.

INTRODUÇÃO

Na história oficial, a prioridade sempre foi dos acontecimentos vistos pelo lado dos dominantes, o que resultou na falta de informações a respeito da cultura dos oprimidos, principalmente índios e negros. Devido a esta colocação este artigo de revisão tem como objetivo descrever a origem, resgatando a história da capoeira.

Da documentação referente à época da escravidão, o pouco que existia foi queimado por ordem de Ruy Barbosa, ministro da Fazenda do governo de Deodoro da Fonseca, em 1890 (OLIVEIRA, 1989).

Não existindo estes documentos, com o passar do tempo, fatos ocorridos na história da capoeira podem ter caído no esquecimento ou, eventualmente, terem sido distorcidos, pois grande parte do que hoje se sabe sobre a capoeira praticada pelos escravos foi transmitida, através das gerações, de forma verbal. No entanto, contendo elementos de expressão corporal, como a ginga, acrobacias e floreios, e de comunicação, como o canto e a

música, a capoeira permaneceu viva na cultura popular brasileira e assim se manteve desde os primórdios da nossa história, porque cativou muitos que a ela se dedicaram de *corpo e alma*.

Atualmente a capoeira está bastante difundida por todo o país, porém há uma enorme dificuldade em encontrar documentos a respeito de suas raízes.

OS NEGROS NO BRASIL

A história da capoeira está intimamente ligada à história dos negros no Brasil.

Quando os europeus aqui chegaram, necessitaram encontrar mão-de-obra barata para a exploração das terras. Os indígenas, de imediato capturados, reagiram à escravidão e não suportaram os maus-tratos a que foram submetidos. Os colonizadores precisaram, então, buscar nova mão-de-obra escrava, e para isso trouxeram negros da África.

Areias (1983), em sua obra *O que é Capoeira*, fez constar que os negros eram tirados de seu hábitat, colocados nos porões dos navios

* Acadêmica do curso de Educação Física (CEFID) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

** Professora de Rítmica e Dança da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/CEFID), Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

e levados para os novos horizontes recém-descobertos pelas grandes potências da época.

De acordo com os pesquisadores Arnt e Banalume Neto (1995, p. 36),

Os escravos eram vendidos por chefes de tribos inimigas ou como em Angola, os próprios portugueses invadiam o interior seqüestrando o que chamavam de ‘peças da Índia’.

Petta (1996, p. 51), em seu artigo *O jeito brasileiro de ir à luta*, comenta:

estudiosos afirmam que por volta de 1550 é que os primeiros escravos africanos começaram a desembarcar no Brasil, oriundos de diferentes tribos, trazendo seus costumes, suas culturas.

Já Oliveira (1989, p. 21), também conhecido por Mestre Bola Sete, em seu livro *A Capoeira Angola na Bahia*, afirma que

Os primeiros escravos africanos a chegarem no Brasil e os que vieram em maior número foram os negros bantos, eram naturais de Angola.

Quando aqui chegavam eram separados para que um senhor não ficasse com negros que falassem o mesmo dialeto, a fim de evitar que se comunicassem e armassem rebeliões.

A relação entre os senhores e os negros escravos era de propriedade, decorrente do pagamento por sua aquisição. Os senhores julgavam-se no direito de exigir dos negros os mais duros trabalhos.

A respeito, Areias (1996, p. 11) afirma:

trabalhando num regime de sol a sol, comandados pelos chicotes dos feitores, eles derrubavam as matas, preparavam a terra, plantavam a cana e produziam, com o amargor do seu sofrimento, o açúcar, doce riqueza dos seus senhores.

Além do sofrimento infligido aos negros, a distância de sua terra natal, aliada a todas as outras condições adversas encontradas nas novas terras, os fazia rebelar-se.

Assim, para que o regime escravocrata não entrasse em colapso, mais castigos e torturas eram aplicados aos escravos.

Como poderiam se defender, estando em tal situação de inferioridade?

Segundo Mestre Pastinha (1988, p. 28), em sua obra *Capoeira Angola*:

Os negros africanos, no Brasil colônia, eram escravos e nessa condição tão desumana não lhes era permitido o uso de qualquer arma ou prática de meios de defesa pessoal que viessem pôr em risco a segurança de seus senhores.

OS ESCRAVOS E A CAPOEIRA

Rego (1968, p. 21), autor de *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*, como significado da palavra capoeira diz que:

atualmente são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo *caá*, mato, floresta virgem, mais *puêra*, pretérito nominal que quer dizer o que foi e não existe mais.

Sobre a verdadeira origem da capoeira, muitas são as divergências existentes entre os pesquisadores.

Um dos motivos que contribuiu para dificultar o conhecimento sobre a origem da capoeira é salientado por Mello (1996, p. 29), que afirmou:

Ruy Barbosa, quando ministro da Fazenda, com o argumento de apagar a história negra da escravidão, mandou incinerar uma vasta documentação relativa a esse período.

Para alguns autores, estudiosos do assunto, a capoeira foi uma invenção do negro na África, onde existia como forma de dança ritualística. Mais tarde, com o processo do colonialismo brasileiro e com a chegada dos negros escravos originários da África, aqui a capoeira apareceu como forma de defesa pessoal dos escravos contra seus opressores do engenho (SANTOS, 1990, p. 19).

Na visão de Pastinha (1988, p. 26): “Não há dúvida que a capoeira veio para o Brasil com os escravos africanos”.

Para Marinho (1956) não existem dúvidas de que a capoeira foi trazida para o Brasil pelos

negros africanos bantos procedentes, principalmente, de Angola.

Para outros pesquisadores, estudiosos da cultura afro-brasileira, africana e historiadores, a capoeira surgiu no Brasil por um processo de aculturação em prol da liberdade humana da raça negra escravizada pelos dominantes da época do Brasil colonial (SANTOS, 1990, p. 19).

Para Areias (1983), como os escravos africanos não possuíam armas para se defender dos inimigos, - os feitores, os senhores de engenho -, movidos pelo instinto natural de preservação da vida, descobriram em si mesmos a sua arma, a arte de bater com o corpo, à semelhança das brigas dos animais, suas marradas, coices, saltos e botes. Aproveitaram ainda suas manifestações culturais trazidas da África, suas danças, cantigas e movimentos. Dessa forma nasceu o que hoje chamamos de capoeira.

Areias (1996, p. 15-16), em publicação posterior, acrescentou:

Tendo como mestra a mãe natureza [...], utilizando-se das estruturas das manifestações trazidas da África [...], os negros criam e praticam uma luta de autodefesa para enfrentar o inimigo.

Reis (1997a, p. 19), em posição idêntica, afirma: “A capoeira é uma manifestação cultural brasileira nascida em circunstâncias de luta por liberdade, nos tempos da escravidão”.

Alguns autores questionam o fato de a capoeira ter surgido apenas no Brasil, embora africanos de origem banto tivessem sido levados para diversos outros países, na mesma época.

Capoeira (1998, p. 34), em sua obra *Capoeira - pequeno manual do jogador*, asseverou:

Temos agora uma idéia de como nasceu a capoeira: mistura de diversas lutas, danças, rituais e instrumentos musicais vindos de várias partes da África. Mistura realizada em solo brasileiro, durante o regime de escravidão, provavelmente em Salvador e no Recôncavo Baiano durante o século XIX.

Há que se citar, também, o pesquisador Rego (1968), que, em vista de uma série de dados colhidos em documentos escritos e, sobretudo, no convívio e diálogo constante com pessoas da época ou mais antigas, que praticavam a capoeira na Bahia, sustenta que a capoeira nasceu no Brasil, criada pelos africanos e desenvolvida pelos seus descendentes afro-brasileiros.

A PERSEGUIÇÃO À CAPOEIRA

Surgida a capoeira e fazendo parte de suas vidas, os negros a praticavam tanto nas fazendas quanto nos terreiros. No entanto, de acordo com Mello (1996, p. 32),

essa prática se dava de maneira clandestina, pois, uma vez que ela era utilizada como arma de luta, os senhores-de-engenho passaram a coibi-la veementemente, submetendo a terríveis torturas todos aqueles que a praticassem.

Santos (1990, p. 19) comenta que, para assegurar a sobrevivência da capoeira naquela época, os capoeiristas, quando na presença dos senhores de engenho, praticavam-na em forma de brincadeira, quando, na verdade, estavam treinando.

O berimbau, que servia para dar ritmo, também servia para anunciar a chegada de um feitor, ou seja, a hora de transformar a luta em dança.

Com o passar dos tempos, os nossos colonizadores perceberam o poder fatal da capoeira, proibindo esta e rotulando-a de ‘arte negra’ (SANTOS, 1990, p. 34).

No artigo *A cara de Zumbi*, de Arnt e Banalume Neto (1995, p. 37), consta que, o negro

a qualquer sinal de rebeldia era punido. Depois de chicoteados, os fujões recebiam um coquetel de sal, limão e urina nas feridas.

Em seu livro *Zumbi*, Santos (1985) conta que em 1597, quarenta escravos fugiram de uma

só vez, em um engenho no Sul de Pernambuco, e, armados de foices e cacetes massacraram a população livre da fazenda. Sabendo que seriam caçados furiosamente um por um, caminharam na direção do sol poente. Disse, ainda, que na vigésima manhã se sentiram seguros, pois, de onde se encontravam podiam perfeitamente ver quem estivesse vindo de qualquer ponto.

Prata (1987, p. 7), em seu artigo *A arte marcial do Brasil*, diz que:

durante as invasões holandesas, em 1624, os escravos e índios (as duas primeiras vítimas da colonização), aproveitando a confusão gerada, fugiram para as matas.

Nas matas os negros formaram os quilombos, sendo o Quilombo de Palmares um dos mais importantes, sede maior de todos os outros redutos de negros fugitivos, localizado na Serra da Barriga, no Estado de Alagoas.

Segundo Arnt e Banalume Neto (1995, p. 32): “Palmares começou a surgir em 1597 e durou até 1694”.

Santos (1990, p. 19) ressalta:

Após a extinção dos quilombos existentes e principalmente o de Palmares, a capoeira já era conhecida como meio de ataque e defesa pessoal, mais precisamente nos Estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro, entre outras localidades onde havia escravos lutando pelo dia de sua libertação.

Os pesquisadores Santos e Barros (2001, p. 1), em artigo intitulado *O histórico da capoeira: um curto passeio da origem aos tempos modernos*, salientam que

em 1888 foi abolida a escravidão e muitos escravos foram largados nas ruas sem emprego e a capoeira foi um dos meios utilizados para a sobrevivência deles.

Oliveira (1989, p. 22) diz:

mesmo depois de abolida a escravidão, os capoeiristas continuaram a sofrer perseguições da polícia e eram mal vistos pela sociedade.

Como conseqüência disso, pode-se citar a informação de Areias (1983, p. 31) de que os negros:

na sua maioria passam a integrar as já famosas maltas de capoeira e a criar outras [...] Os rivais Guaiamuns e Nagoas no Rio de Janeiro, foram os mais temíveis grupos dessa época [...].

Em 1890 a capoeira foi considerada “fora da lei” pelo antigo Código Penal da República. No capítulo que tratava dos vadios e capoeiras, o artigo 402 trazia a penalidade de dois a seis meses de prisão a quem ousasse

Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, promovendo tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal (REGO, 1968, p. 292).

Sobre essa época, Areias (1983, p. 52) ressalta:

[...] transformada em uma verdadeira luta acrobática, aperfeiçoada e mesclada de tantos artifícios quantos fossem necessários para safar-se da perseguição dos poderosos, a capoeira e os capoeiristas conseguem, com artimanhas e habilidades, atravessar esse período tempestuoso.

Na década de 30, Getúlio Vargas tomou o poder, derrubando o presidente Washington Luis, e, segundo Capoeira (1999, p. 25), “permitiu a prática (vigiada) da capoeira: somente em recintos fechados e com alvará da polícia”.

Já Areias (1983, p. 65) comenta:

não sendo mais perseguidos, os capoeiristas, sedentos de expressão, infestavam as ruas e praças das cidades com as suas rodas de capoeira. A capoeira era parte integrante e obrigatória de todas as festas populares.

Dossar (1991, p. 42) afirma: “a primeira academia que ensinou a capoeira formalmente

foi estabelecida por Manoel dos Reis Machado em 1932”.

Mello (1996, p. 34) traz valiosa informação: “surge um importante personagem na história da capoeira, Manoel dos Reis Machado, o Mestre ‘Bimba’”.

OS ESTILOS DE CAPOEIRA

Capoeira (1985) menciona que existem vários estilos de capoeira, mas os únicos de fundamento são a tradicional angola e a regional de Bimba.

Capoeira Angola

Capoeira (1998) diz que na Academia de Pastinha se praticava o estilo tradicional, denominado Capoeira Angola.

Em seu livro *Capoeira Angola*, Pastinha (1988, p. 27) asseverou:

O nome Capoeira Angola é consequência de terem sido os escravos angolanos, na Bahia, os que mais se destacaram na sua prática.

Pastinha (1988, p. 28) acrescenta ainda que:

A Capoeira Angola se assemelha a uma graciosa dança onde a ‘ginga’ maliciosa mostra a extraordinária flexibilidade dos capoeiristas. Mas, Capoeira Angola é, antes de tudo, luta e luta violenta.

Oliveira (1989, p. 179), em seu livro *A Capoeira Angola na Bahia*, afirma:

O mestre angoleiro procura passar para o seu discípulo o culto aos rituais e preceitos existentes na capoeira angola e ao mesmo tempo prepará-lo para defender-se sem interferir no seu potencial de criatividade, dotando-o de uma grande dose de malícia, baseada na calma e na velocidade.

Capoeira Regional

Almeida (1994) fez constar que Bimba aproveitou-se de uma antiga luta existente na Bahia, chamada ‘Batuque’ - da qual seu pai era campeão -, da capoeira e do seu gênio criativo

para criar um novo estilo a que chamou de Capoeira Regional.

Bimba disse no livro, *A Saga de Mestre Bimba*, de Almeida (1994, p. 17):

Em 1928 eu criei, completa, a Regional, que é o Batuque misturado com a Angola, com mais golpes, uma verdadeira luta, boa para o físico e para a mente.

Sobre a criação da Capoeira Regional, Vieira (1998, p. 1) afirma:

Quando a Regional surgiu, já existia uma tradição consolidada na capoeira, principalmente nas rodas de rua do Rio de Janeiro e da Bahia.

Capoeira (1998, p. 52) ressalta que

Com a academia de Bimba começa uma nova época: a capoeira vai atrair a classe média e a burguesia de Salvador. Antes disto, a capoeira (na Bahia) era praticada exclusivamente pelos africanos e seus descendentes, ou seja: as classes economicamente pobres.

Para Capoeira (1998, p. 52),

O método de ensino, os novos golpes e a nova mentalidade, somados ao fato de a maioria dos alunos de Bimba pertencer à classe média, com outros valores, fez com que a regional de Bimba se diferenciasse muito da capoeira tradicional.

OS MESTRES DA CAPOEIRA

Mestre Pastinha

Vicente Ferreira Pastinha, conhecido como Mestre Pastinha, nasceu no dia 5 de abril de 1889, na cidade do Salvador. Oliveira (1989, p. 32) informa que Pastinha era filho do espanhol José Señor Pastinha e de uma negra baiana chamada Raimunda dos Santos.

Sobre o aprendizado de Mestre Pastinha, Capoeira (1998, p. 54) disse que

foi iniciado, ainda menino, por um negro de Angola chamado Benedito,

que constantemente via o menino apanhar de um garoto mais velho.

Capoeira (1998, p. 55) afirma:

Pastinha abriu sua academia alguns anos depois da de Bimba, e lá praticava o estilo tradicional que, para diferenciar da regional, ele passou a chamar de Capoeira Angola.

Alguns autores a intitulam de antiga ou ultrapassada, por ser anterior à Capoeira Regional.

Apesar de praticar essa luta que ele considerava violenta, Mestre Pastinha era uma pessoa muito apreciada. Capoeira (1998, p. 55) afirma:

Com o seu carisma, axé, personalidade gentil e afável, Pastinha transformou sua academia num ponto frequentado por grandes angoleiros e por artistas como Carybé e Jorge Amado.

Mesmo dedicando sua vida inteira à capoeira, Mestre Pastinha não foi devidamente reconhecido. O autor Capoeira (1998, p. 57) relata:

Já velho e quase cego, as autoridades tomaram sua academia sob pretexto das reformas do Largo do Pelourinho. Apesar de prometerem uma nova academia, nunca cumpriram a promessa. Mestre Pastinha viveu os últimos anos de sua vida num quartinho.

Oliveira (1989, p. 32) disse que Mestre Pastinha “foi considerado pelos mestres mais famosos de sua época, o mais perfeito lutador de capoeira Angola da Bahia”. Fez ainda um breve histórico da vida profissional de Pastinha:

Levou 8 anos na Marinha de Guerra, onde foi músico e instrutor de capoeira, foi jogador de futebol, chegando a treinar na equipe do Ypiranga, seu time de coração, [...], foi engraxate, vendeu jornais, praticou esgrima, ajudou a construir o porto de Salvador, foi alfaiate, fez garimpo e também tomou conta de ‘casa de jogo’, ocupando o cargo de ‘leão de chácara’, [...]. Mas,

tudo isso foi passageiro na vida do mestre, seu desejo era viver de sua arte, pois além de capoeirista, era pintor e poeta popular.

Sobre seu desenlace, Capoeira (1998, p. 57) disse:

Faleceu aos noventa e dois anos de idade, em 1981, deixando muitos alunos, dos quais os mais conhecidos são mestre João Grande e mestre João Pequeno.

Mestre Bimba

Manoel dos Reis Machado, conhecido como Mestre Bimba, nasceu aos 23 de novembro de 1900, no bairro de Engenho Velho, Freguesia de Brotas, em Salvador, Bahia.

Almeida (1994, p. 15) conta que,

Aos 12 anos de idade, Bimba, o caçula de D. Martinha, iniciou-se na capoeira, na Estrada das Boiadas, hoje grande bairro negro Liberdade. Seu mestre foi o africano Bentinho, Capitão da Companhia de Navegação Bahiana.

Almeida (1994, p. 16) relata que após algum tempo na capoeiragem, Bimba:

começou a sentir que a capoeira, que ele praticava e ensinou por bom tempo, tinha se folclorizado, [...], que a utilizavam para exibições em praça e, por ter eliminado seu movimentos fortes, mortais, deixava muito a desejar em termos de luta.

Capoeira (1985, p. 48) afirma que:

Manoel dos Reis Machado [...] foi um dos maiores capoeiristas de seu tempo. Excelente jogador, lutador perigoso, excepcional e criativo tocador de berimbau, cantor de mão cheia, era homem de personalidade forte e marcante.

Capoeira (1985, p. 48), conta que Bimba

Abandonou as rodas de capoeira angola de sua época e abriu sua academia por volta de 1930 e passou a ensinar a sua

modalidade de capoeira que foi chamada de ‘regional’.

Vieira (1998, p. 2) disse que,

com o aparecimento de Mestre Bimba, iniciou-se a divisão do universo da capoeira em duas partes, em que uns se voltaram para a preservação das tradições e outros procuraram desenvolver uma capoeira mais rápida e direcionada para o combate.

Em Almeida (1994, p. 17), Bimba lembra:

até 1918 não havia escola de capoeira. Havia roda de capoeira nas esquinas, nas portas dos armazéns, no meio do mato. A Polícia proibia e eu uma certa ocasião, paguei até 100 contos de réis a ela para tocar duas horas.

Segundo Vieira (1998, p. 139):

Já no final de sua vida, Bimba transferiu-se para Goiânia, em 1973 [...]. Faleceu em Goiânia em 05 de fevereiro de 1974, vítima de um derrame cerebral.

ELEMENTOS RITMICOS DA CAPOEIRA

Instrumentos

A capoeira, sabe-se, é a única luta brasileira que utiliza instrumentos musicais. As rodas de capoeira são ritmadas pelo toque de instrumentos e pelas palmas dos capoeiristas.

Segundo Rego (1968, p. 70), o acompanhamento musical da capoeira, desde os primórdios até nossos dias, “já foi feito pelo berimbau, pandeiro, adufe, atabaque, ganzá ou reco-reco, caxixi e agogô”.

Mestre Pastinha (1988, p. 36) afirma: “os instrumentos que compõem o conjunto são: berimbau, pandeiro, reco-reco, agogô, atabaque e chocalho”.

Berimbau

O berimbau é um instrumento feito de uma verga de madeira, tradicionalmente a biriba, com um arame de aço, e a caixa de ressonância é a cabaça seca.

Freitas (1997, p. 67) coloca que

o berimbau é um dos instrumentos mais antigos do mundo, originando-se há mais ou menos quinze mil anos antes de Cristo, no continente africano.

Rego (1968, p. 71) admite que “O berimbau não existia somente em função da capoeira, era usado pelos afro-brasileiros em suas festas e sobretudo no samba de roda [...]”.

Antes mesmo de se juntar à capoeira, o berimbau era utilizado de outras formas. Reis (1997b, p. 201) comenta:

o chamado berimbau de barriga aparece na iconografia dos cronistas que visitaram o Brasil no século XIX, em geral, associado ao comércio ambulante e a mendicância.

Já Freitas (1997, p. 66) afirmou que “o berimbau foi o último instrumento a fazer parte da capoeira, no final do século XIX”.

Almeida (1994, p. 77) conta sobre a confecção do berimbau pelo Mestre Bimba:

a madeira [...] tinha que ser ‘biriba’. Retirava o arame de aço dos pneus velhos, [...], a cabaça era aberta com uma faca bem amolada, em seguida ele retirava as sementes e lixava com lixa fina.

Somente depois de tudo preparado é que o Mestre Bimba começava a montar o seu berimbau.

Segundo Capoeira (1998, p. 83),

o berimbau é seguro na mão esquerda juntamente com uma moeda que, ao tocar ou não na corda de aço, permite obter som de duas notas musicais.

Pastinha (1988, p. 36) complementa: “a mão direita segura a vareta com os dedos polegar, indicador e médio, restando os dedos mínimo e anelar para manter fixo [...] o caxixi”.

Sobre a técnica de tocar o instrumento, Capoeira (1998, p. 83) ensina:

afastando ou aproximando o instrumento do corpo, e pressionando com mais ou menos força a moeda, conseguimos algumas variações nas duas notas básicas.

Sabe-se que na roda de capoeira o toque do berimbau é fundamental para conduzir o jogo dos capoeiristas. Areias (1983, p. 93) afirma: “existem vários tipos de jogos, regidos sempre pelo toque de sua excelência, o berimbau”.

Segundo Mestre Pastinha (1988, p. 41),

A afinação do berimbau se consegue suspendendo ou abaixando o barbante que liga a caixa de ressonância (cabaça) ao arame ou corda sonora.

Existem também, diferentes toques de berimbau, e Oliveira (1989, p. 61) esclarece que “alguns sofreram modificações e outros foram inventados por alguns mestres, existindo também uma grande confusão sobre seus nomes de origem”. Capoeira (1998) comenta, em relação aos toques do berimbau, que uns poucos são conhecidos e executados por todos, como o de Angola, São-Bento-Pequeno e São-Bento-Grande.

Reis (1997b, p. 203) comenta:

além de ser o responsável pelo estilo e tipo de jogo que se realiza, o berimbau determina também o ritmo das músicas de capoeira que compreendem as *ladainhas*, as *quadras* e os *cantos corridos*.

Pandeiro

O pandeiro é um instrumento de percussão, também tradicional na roda de capoeira. Rego (1968, p. 80) afirma que,

No Brasil, o pandeiro entrou por via portuguesa na primeira procissão que se realizou no Brasil, que foi a de Corpus Christi, na Bahia a 13 de junho de 1549”.

Após isto foi utilizado pelos negros em seus folguedos.

Freitas (1997, p. 75) comenta:

na capoeira é utilizado mais o pandeiro de couro fino, não só por causa da tradição dos velhos capoeiras, mas pelo som que produz. O pandeiro de couro produz um som mais primitivo, abafado e gostoso de se ouvir.

Reco-reco

O reco-reco é um instrumento de som primitivo feito com bambu. Rego (1968, p. 85), assim o descreve:

O ganzá ou reco-reco conhecido na Bahia, é feito de gomo de bambu com sulcos transversais sobre o qual se passeia uma haste de metal.

Agogô

Rego (1968, p. 87) afirma que “O agogô é um instrumento musical de percussão de ferro entrado no Brasil por via Africana”.

O autor relata ainda, que o termo agogô pertence à língua nagô e quer dizer sino.

Atabaque

O atabaque, instrumento de percussão usado em cerimônias afro-brasileiras, pode também ser frequentemente encontrado nas rodas de capoeira.

Rego (1968, p. 83) assim se pronuncia: ”o termo atabaque é de origem árabe, sendo aceita por unanimidade pelos arabistas etimólogos”.

Rego (1968, p. 85) diz:

Embora os africanos já conhecessem o atabaque e até tenham vindo da África algumas espécies, creio que ao chegarem ao Brasil, já o encontrassem trazido por mãos portuguesas, para ser usado em festas e procissões religiosas em circunstâncias idênticas ao pandeiro e o adufe.

De acordo com Vieira (1998, p. 106):

a utilização do atabaque encontra a resistência dos mestres mais antigos porque esse instrumento produz um som alto, que impede o capoeirista de distinguir o toque que está sendo executado pelo berimbau.

Para aqueles que utilizam este instrumento na roda de capoeira, Capoeira (1985, p. 58) ensina:

quem toca o atabaque tem que se ligar que se ele meter a mão com força no couro vai abafar o som dos berimbaus. [...]. Têm que procurar um volume tal

que dê um apoio, faça uma marcação em cima da qual os berimbaus possam dar o seu recado.

Caxixi

O caxixi é uma cestinha fechada, contendo sementes, usada no jogo da capoeira na Bahia e também no candomblé (CASCUDO, 1972).

Segundo Rego (1968, p. 87),

o caxixi é um pequeno chocalho feito de palha, trançada com a base de cabaça, cortada em forma circular e a parte superior reta, terminando com alça da mesma palha.

As sementes secas colocadas no interior do caxixi é que dão o som característico ao sacudi-lo.

Normalmente o caxixi é tocado com a mão que segura a baqueta, juntamente com o berimbau.

CONCLUSÃO

Mediante a análise do referencial teórico consultado, respeitando-se as limitações do

estudo, conclui-se que a história da capoeira está intimamente ligada aos negros no Brasil.

Um dos motivos que contribuiu para dificultar o conhecimento sobre a origem da capoeira foi o fato de Ruy Barbosa, quando ministro da Fazenda, com o argumento de apagar a história negra da escravidão, ter mandado incinerar uma vasta documentação relativa a esse período. A maioria dos autores afirmam que a capoeira veio para o Brasil trazida pelos negros bantos. A capoeira foi, durante muito tempo, disfarçada e escondida dos senhores de engenho e feitores. Hoje é considerada uma manifestação cultural nascida da luta dos negros pela liberdade. Ainda depois de abolida a escravidão, a capoeira foi perseguida e enquadrada no antigo Código Penal.

Os Mestres Pastinha e Bimba são considerados os representantes dos estilos de capoeira Angola e Regional, respectivamente. A parte rítmica da capoeira é, principalmente, dirigida pelos berimbaus e pandeiros, possuindo ainda a presença de instrumentos como o reco-reco, agogô e atabaque.

HISTORY OF CAPOEIRA

ABSTRACT

Nowadays Capoeira has a considerable importance concerning its cultural, historical and educational values. This article aimed at describing the history of Capoeira. The national bibliography was used. The literature analysis indicated that the majority of the authors consider Capoeira was brought to Brazil by black people with the purpose of fighting for surviving. Capoeira was persecuted and marginalized for a long time until it was accepted by society. The masters that emphasized and contributed for the development of capoeira was Pastinha Master and Bimba Master. The best known styles are Angola and Regional Capoeira. The instruments used to practice Capoeira are berimbau, caxixi, pandeiro, reco-reco, atabaque and agogô.

Key words: Capoeira, History, Masters.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raimundo César Alves de. **A saga do mestre bimba**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

AREIAS, Anande das. **O que é capoeira**. 4. ed. São Paulo: Ed. da Tribo, 1983.

ARNT, Ricardo; BANALUME NETO, Ricardo. A cara de Zumbi. **Revista Superinteressante**, São Paulo, ano 9, n. 11, p. 30-42, nov. 1995.

CAPOEIRA, Nestor. A "retórica do corpo" de Getúlio Vargas e seus reflexos na capoeira atual. **Revista Camará Capoeira**, São Paulo, ano 1, n. 5, p. 25-27, nov. 1999.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CAPOEIRA, Nestor. **Galo já cantou**. Rio de Janeiro: Arte Hoje, 1985.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.

DOSSAR, Kenneth. Capoeira: an African based tradition in United States. **Joperd**, Reston, v. 62, no. 2, p. 42-44, Feb. 1991.

FREITAS, Jorge Luiz de. **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba: Editora Abadá, 1997.

MARINHO, Inezil Penna. **Subsídios para a história da capoeiragem no Brasil**. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.

- MELLO, André da Silva. Esse nego é o diabo, ele é capoeira ou da motricidade brasileira. **Revista Discorpo**, São Paulo, n. 6, p. 29-39, 1996.
- OLIVEIRA, José L. (Mestre Bola Sete). **A capoeira angola na Bahia**. Salvador: EGBA; Fundação das Artes, 1989.
- PASTINHA, Mestre. **Capoeira angola**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988. 78p.
- PETTA, Rosângela. O jeito brasileiro de ir à luta. **Super Interessante**, São Paulo, ano 10, n. 5, p. 46-57, maio 1996.
- PRATA, Leonel. Histórico. **Revista Capoeira: a arte marcial do Brasil**, São Paulo, n. 1, p. 6-7, 1987.
- REGO, Waldeloir. **Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.
- REIS, André Luiz Teixeira. **Brincando de capoeira**. Cidade: Ed. Abadá, 1997(a).
- REIS, Leticia Vidor de Souza. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 1997(b).
- SANTOS, Joel Rufino dos. **Zumbi**. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.
- SANTOS, Leonardo José Mataruna dos; BARROS, Luciana de Oliveira. O histórico da capoeira: um curto passeio da origem aos tempos modernos. **Revista digital**, Buenos Aires, ano 4, n. 15, ago. 1999. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 23 jun. 2001.
- SANTOS, Luiz Silva. **Educação, Educação Física, capoeira**. Maringá: Imprensa Universitária, 1990.
- VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de capoeira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.
- VIEIRA, Luiz Renato. A capoeira angola. **Revista digital**, Buenos Aires, ano 4, n. 14, jun. 1999. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 23 jun. 2001.

Recebido em julho de 2002

Revisado em outubro de 2002

Aceito em novembro de 2002

Endereço para correspondência: Adriana Coutinho de Azevedo Guimarães, Av. Atlântica, 586, Jardim Atlântico, Cep: 88095-700, Florianópolis, SC, Brasil. Fone: (48) 334-1269/9981-1607, Fax: (48) 322-1666, E-mail: nanaguim@terra.com.br